

ALESSANDRO  
ELOY BRAGA

# RENATO RUSSO

lirismo e esclarecimento

Referência:

BRAGA, Alessandro Eloy. "Pressupostos do Lirismo".  
In *Renato Russo: lirismo e esclarecimento*. Brasília:  
Edição do autor. 2024, p. 38-56.

Disponível em:

<http://www.renatorussolirismoeesclarecimento.com.br>

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

**FAC**  
FUNDO DE APOIO À  
CULTURA  
DO DISTRITO FEDERAL

Secretaria de  
Cultura e  
Economia Criativa



## 2.

# PRESSUPOSTOS DO LIRISMO

Durante toda a história da poesia, os poetas sempre se mostraram como pessoas esclarecidas. No caso da poesia trágica, usavam seus personagens como representações da realidade para discutir, provocar reflexões e compartilhar revelações de aspectos individuais ou sociais da vida humana. No caso da poesia lírica, estas representação, provocação, discussão e revelação sempre foram feitas por meio do eu-lírico, o qual consiste na voz individual que se expressa na poesia lírica.

De acordo com o entendimento de professor e crítico literário Yves Stalloni<sup>26</sup>, o lirismo é

---

<sup>26</sup> STALLONI (2001, p. 135).

essa tendência literária que negligencia a atitude de tomar o mundo como modelo, que ignora as expectativas do auditório, que parece traduzir, de maneira incontrolada, a interioridade do criador e reproduzir uma fala de que ele dirige a si mesmo.

Da proposição de Yves Stalloni, podemos começar a entender o lirismo como a expressão poética em que a voz do emissor do poema: o eu-lírico, não está interessado em expor ao seu receptor uma sequência de acontecimentos nem interpretações de terceiros sobre tais acontecimentos externos. O eu-lírico se interessa em falar de si mesmo e de como tudo o que ocorre ao seu redor o impacta, o influencia, como tudo o faz sentir, como ele interpreta o mundo e como ele se sente diante de tudo o que o envolve. O seu interlocutor sempre é alguém sem voz, representado apenas na invocação de uma segunda pessoa. Assim, o receptor da expressão do eu-lírico pode ser qualquer um(a).

A voz do eu-lírico não deve ser tomada como a voz da pessoa biográfica do poeta, porque o eu-lírico é todos nós e cada um de nós. Como disse Fernando Pessoa: “O poeta é

um fingidor. Finge tão completamente que chega a fingir que é dor a dor que deveras sente”. Nem sempre a dor do eu-lírico é a dor do poeta, mas pode ser a dor de outros revelada pela voz do poeta. Assim o eu-lírico pode ser a voz daqueles que não dizem. Uma voz que acalma, mas também, e principalmente, uma voz que inquieta e provoca.

Para Maria Lúcia Aragão<sup>27</sup>, o eu biográfico do poeta é alguém real, limitado porque, assim como qualquer outra pessoa, “está comprometido com os fatos, com o mundo, com a lógica, com a expressão de si mesmo”. Por outro lado, o eu-lírico é uma persona irreal que

não se descreve porque não se compreende, não toma posição, apenas se deixa levar pela corrente da existência. Ser levado pela corrente da existência é não oferecer resistência ao que se passa fora de nós. É se deixar penetrar pelo mistério da vida. É abolir as distâncias temporais e espaciais para recordar os fatos em sua plenitude.

Das palavras de Maria Lúcia Aragão é possível inferir que – como os personagens do

---

<sup>27</sup> ARAGÃO (1985, p. 75).

drama ou da narrativa que são pessoas fictícias e não reais – o eu-lírico é uma pessoa imaginária, por meio da qual o poeta lírico nos provoca através de nossa autoidentificação com o texto pelo uso da primeira pessoa do discurso. Isto ocorre porque o eu-lírico é uma persona universal e atemporal, aberta para o mundo, para a reflexão de todos os mistérios da vida e para qualquer um que deseje incorporá-lo e viver suas experiências no poema.

O eu-lírico tem o poder de se tornar o próprio leitor quando este lê o poema. Torna-se a voz de cada um daqueles que leem o poema. Porque a voz do eu-lírico “é sua e é alheia, é de ninguém e é de todos”<sup>28</sup>.

Nada distingue o poeta dos outros homens e mulheres, salvo esses momentos – raros, embora frequentes – em que, sendo ele mesmo, é outro.<sup>29</sup>

Esta autoidentificação permite que, durante a recepção do texto lírico, possamos nos sentir como se nós mesmos estivéssemos

---

<sup>28</sup> PAZ (1993, p. 140).

<sup>29</sup> PAZ (1993, p. 140).

proferindo tais palavras, como se fosse nossa própria voz, e de nós emanassem as reflexões presentes no poema, resultando em uma intimidade ainda maior com o texto. Isto porque, no drama e na narrativa, onde há o uso de personagens, os quais configuram outras pessoas, o leitor se coloca como espectador e não como sujeito do texto, como ocorre em relação à poesia lírica.

Se a poesia lírica é este espaço de provocação de questionamentos e reflexões sobre a vida humana, partindo do contexto intrapessoal para o interpessoal, ela se configura como instrumento de disseminação do esclarecimento.

A poesia é algo muito maior que uma mera interpretação pessoal feita pelo poeta. Ela é um lançar de luz sobre a outra face da realidade das coisas para a esclarecer e a revelar. Um outra face que expõe as essências atemporais e universais, os verdadeiros interesses e intenções das ações, das estruturas, dos sentimentos e das palavras. Verdades que são impostas através de disfarces não percebidos pela cegueira coletiva.

Mas, embora seja revelação e esclarecimento, a poesia não é imposição. Ela oferece as verdades por meio de pequenos enigmas para aos quais a chave de acesso é o interesse em ler, sentir e pensar para converter os enigmas poéticos em conhecimento construído por cada um e por todos. Mesmo sendo plenamente fraterna, a poesia não é gratuita, porque ela cobra um preço do leitor: a fraterna vontade de ver, de saber, de sentir para se esclarecer e compartilhar. Octavio Paz resume bem esta questão em seu livro *A outra voz*:

Embora presa a um solo e a uma história, a poesia sempre se abriu, em cada uma de suas manifestações, a um mais além trans-histórico. Não me refiro a um mais além religioso: fala da percepção do *outro lado* da realidade.<sup>30</sup>

A partir destas proposições, o lirismo precisa ser visto como um espaço onde a luz permanece fulgurante, onde o leitor pode encontrar o caminho para a libertação de sua

---

<sup>30</sup> PAZ (1993, p. 142).

consciência. Por ser espaço de liberdade para a expressão do poeta e, ao mesmo tempo, para o amadurecimento do leitor, a poesia lírica – bem como toda a arte literária – nada tem de impositiva. Ela não afirma verdades, ela propicia um abrir de olhos e provoca ações para a saída da inércia da alienação.

Esta perspectiva sobre a luz do esclarecimento que pode ser provocada nas pessoas pela poesia lírica é afirmada pelo poeta Ferreira Gullar, em seu livro de ensaios *Sobre arte sobre poesia: (uma luz do chão)*:

Sei que para o impasse da poesia e do homem não há soluções definitivas: pretendo que a poesia tenha a virtude de, em meio ao sofrimento e ao desamparo, acender uma luz qualquer. Uma luz que não nos é dada, que não desce dos céus, mas que nasce das mãos e do espírito dos homens.<sup>31</sup>

Assim como já propus no capítulo anterior sobre o esclarecimento, Ferreira Gullar compreende que a luz que também caracteriza a poesia não pode ser dada, bem como

---

<sup>31</sup> GULLAR (2006, p. 152).

não pode ser imposta. Alcançar a luz do esclarecimento só é possível mediante uma conquista individual, através de ações que nas-cem “das mãos e do espírito” de cada pessoa. Basta entender que ninguém aprende por outra pessoa, porque a aprendizagem, assim como esclarecer-se, exige um ação individual, a atitude, o interesse, a vontade, o querer e a pré-disposição do próprio indivíduo.

Para Ferreira Gullar:

A liberdade é condição primeira para o exercício da literatura. O autor é, até o ponto em que a própria matéria poética não o ultrapassa, o único árbitro das decisões.

[...]

O poeta fala dos outros homens e pelos outros homens, mas só na medida em que fala de si mesmo, só na medida em que se confunde com os demais. Depende, portanto, de sua personalidade – do grau de abertura dessa personalidade com respeito à sua época, com respeito à vida que se vive à sua volta, do modo como relaciona seus problemas e sentimentos aos problemas e sentimentos dos outros homens – o caráter de sua poesia.<sup>32</sup>

---

<sup>32</sup> GULLAR (2006, p. 158-159).

As palavras de Ferreira Gullar corroboram com a ideia de que a poesia tem uma ligação estreita ou mesmo equivale à expressão de um pensamento esclarecido. Ao falar “dos outros homens e pelos outros homens”, o poeta lírico demonstra seu estado de esclarecimento convertendo-o em provocações implícitas nos enigmas da linguagem poética para serem desvendados pelos leitores inquietando-os e os levando a sentir e pensar ao mesmo tempo que sua expressividade tem como uma das finalidades provocar as demais pessoas a também caminhar para a luz e conquistá-la.

Mas tudo isto só é possível, como também compreende Ferreira Gullar, quando o pensamento e os sentimentos que o poeta deseja provocar são livres, são frutos do livre pensar e do livre sentir do poeta e atingem o leitor com esta mesma força da liberdade, para que este também consiga tornar-se livre. O eu-lírico é o canal que permite que poeta e leitor se confundam e se tornem um só no espaço da poesia.

Ferreira Gullar vai mais além nesta relação aparente entre o poeta, a poesia e o

esclarecimento, ao afirmar que toda a carga significativa da poesia depende da capacidade que o poeta tem de abrir-se para receber e ruminar a vida que está ao seu redor, da forma como o poeta estabelece relações entre os seus próprios pensamentos e sentimentos com os das demais pessoas. Ou seja, se o poeta não buscar atingir o estado do esclarecimento e o constante amadurecer, de sua capacidade de ver e pensar o mundo, o lirismo não será, na mesma medida, a expressão do esclarecimento.

Pode-se inferir, então, que a poesia, para ser luz, necessita que o poeta que a escreve vivencie o estado de esclarecimento. Desta forma, a poesia passa a ser um constante o uso dos versos como meio para disseminar a leitura, o questionamento, a reflexão, a análise, a revelação, a transformação e o amadurecimento sobre as coisas da vida, inclusive sobre si mesmo. Não por acaso, Aristóteles, na *Poética*, afirmou que a poesia é capaz de promover a catarse – a purificação

emoções<sup>33</sup> – por meio da percepção esclarecida do sofrimento humano que provoca o terror e a piedade em nós leitores do texto. Podemos inferir, mais uma vez, então, que, além de provocar o pensar, a poesia também provoca o sentir. Basta lembrar que, o esclarecimento não é só pensamento, é também sensibilidade. Ele precisa ser realidade no pensar e no sentir do indivíduo para que ser usado para ao bem.

Para o poeta Octavio Paz<sup>34</sup>, a poesia – e por extensão e especialmente a poesia lírica – constitui-se em uma *outra voz*. Uma voz que não é audível para ideólogos revolucionários e isto explicaria os seguidos fra-

---

<sup>33</sup> Cf. ARISTÓTELES (1449b, 25). À época em que escreveu *Poética*, o filósofo entendia que a catarse era um dos elementos essenciais que compunham apenas a Tragédia (ou poesia trágica). No entanto, com o desenvolvimento da literatura e seus desdobramentos em novos gêneros, formas de escrever, temas abordados, diálogos com outras áreas do conhecimento e o aprimoramento da capacidade artística do ser humano, percebeu-se que a catarse é uma mudança de estado da ignorância para o estado de esclarecimento e consciência também promovido por outras formas de literatura, entre elas e especialmente, a poesia lírica.

<sup>34</sup> PAZ (1993, p. 144).

cassos das já revoluções empreitadas. Octavio Paz compreende que esta *outra voz* da poesia tem como função fazer com que o ser humano não ignore as “realidades escondidas e enterradas pelo homem moderno”<sup>35</sup>. Mas não cabe à poesia alimentar ideias e pensamentos com respostas prontas ou manipu-

---

<sup>35</sup> PAZ (1993, p. 144). É interessante perceber que, antes do advento do que se entende por Idade Moderna e se estendendo até os dias atuais, e nestes ainda mais fortemente, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, o mecanismo de poder que regia a sociedade humana estava exposto e não escondido por máscaras que disfarçavam seus interesses e seu funcionamento, ou seja, a manipulação do ser humano se dava pela força, pela opressão violenta feita por atos de força extrema, seja pela Igreja seja pelo Absolutismo que marcaram a Idade Média ou mesmo os impérios da Idade Antiga. De maneira que, com o advento do homem moderno, foi criada uma nova estrutura sistemática de poder: o Sistema, que passou a manipular o ser humano e ditar seu comportamento e seu papel funcional nesta Idade do Lucro. Tal Sistema age desenfreadamente sob o disfarce de falsas democracias, falsos prazeres tecnológicos, falsas ideias de liberdade. Nesta nova realidade de poder, como afirma Octavio Paz, a poesia e o poeta lírico são outra voz que é proferida para retirar os disfarces que escondem este Sistema para ajudar a outros que também possam ter sua própria voz e não mais se deixar submissos, em meio a este mundo de falsas consciências.

lações, mas sim inquietar o ser humano, e provocar a necessidade de lembrar que é preciso ouvir esta *outra voz* que é a da consciência das coisas e a sensibilidade para percebê-las e que está dentro de cada um e, assim, está entre todos. É uma voz universal e atemporal, que fala todos os idiomas e que reside em todos os lugares. Estava viva no passado, vive no presente e estará viva no futuro, desde que alguém se disponha a trazê-la à luz e se iluminar, se esclarecer.

A poesia é a Memória feita imagem e esta convertida em voz. A *outra voz* não é a voz do além-túmulo: é a do homem que está dormindo no fundo de cada a homem. Tem mil anos e tem nossa idade e ainda não nasceu. É nosso avô, nosso irmão e nosso bisneto.<sup>36</sup>

Ao contrário do que alguns possam supor, a poesia lírica não é utópica, mas consciente das possibilidades do caráter humano, enxergando-o tanto para no seu bem quando no seu mal. Ela não espera contrapartidas ou lucros. Não possui interesses próprios ou vaidades.

---

<sup>36</sup> PAZ (1993, p. 144-145).

des. Não anseia poderes nem subestima nada nem ninguém. Como afirma Octavio Paz, “espelho da fraternidade cósmica, o poema é um modelo do que poderia ser a sociedade humana”<sup>37</sup>. Combatendo a conformidade e a uniformização causadas pela vivência tecnicista e econômica da cultura, a “poesia é o antídoto da técnica e do mercado”<sup>38</sup> que liberta o ser humano das amarras da servidão tácita. “A poesia exercita nossa imaginação e assim nos ensina a reconhecer as diferenças e a descobrir as semelhanças”<sup>39</sup>.

O lirismo, embora desenvolvido a partir da primeira pessoa e a ela se referir gramaticalmente, semanticamente e artisticamente, não constitui uma ação intelectual e emocional egoísta e individualista. Ao contrário. O lirismo existe, unicamente, no universo da poesia, onde todos os elementos significativos ultrapassam os limites do mundo prático, ganham uma plurissignificação e assumem um valor e um sentido na atempora-

---

<sup>37</sup> PAZ (1993, p. 147).

<sup>38</sup> PAZ (1993, p. 147).

<sup>39</sup> PAZ (1993, p. 147).

lidade e na universalidade. Assim, o eu-lírico, centro do lirismo, não diz respeito ao interesse individual da(o) poeta, mas é a representação do ser humano em ambos os aspectos individual e coletivo a um só tempo. De tal maneira que a poesia, imbuída do lirismo, “exercita nossa imaginação e assim nos ensina a reconhecer as diferenças e a descobrir as semelhanças”<sup>40</sup>.

A poesia é além de um espaço de esclarecimento, também um campo profícuo fornecer cultura e, por conseguinte, formação às pessoas para que estas, por meio da recepção interessada, sensível e aberta da poesia, possam, constantemente, se desenvolver e amadurecer culturalmente, a fim de chegar ao estado de esclarecimento, atingir uma outra condição pessoal e, assim, alçar, a outra condição social, sempre junto com aqueles que ajuda a também se tornarem esclarecidos. Afinal, “o poema é um modelo de sobrevivência fundada na fraternidade (...)”<sup>41</sup>.

Formação, cultura e esclarecimento são modificações da vida social; efeitos da

---

<sup>40</sup> PAZ, 1993, p. 147.

<sup>41</sup> PAZ, 1993, p. 148.

diligência e dos esforços dos seres humanos por melhorar sua condição social. Quanto mais a condição social de um povo for harmonizada com a determinação do homem, por meio da arte e diligência, mais *formação* terá este povo.<sup>42</sup>

É essencial que fique claro que, embora o lirismo reflita o esclarecimento do poeta representado em seu eu-lírico, este não pretende jamais impor sua verdade a nós por meio de seu texto, não pretende pensar por nós. O poeta faz uso de sua poesia para nos instigar, nos provocar e nos inquietar para que possamos pensar por nós mesmos sobre a temática abordada pelo poema e, em nosso esclarecimento, consigamos formar nossa própria verdade. Destarte, o lirismo é o espaço que provoca o pensar racionalmente como ação individual sempre envolta pela sensibilidade e a sentimentalidade, a fim de que, ouvindo a *outra voz*, possamos nos inquietar, nos questionar e desvendar os enigmas, possibilitando o ‘pensar diferente’.

Para Octavio Paz, a poesia e o poeta lírico estão acima de qualquer força ideológica

---

<sup>42</sup> MENDELSSOHN in KANT et al (2011, p. 15-16).

e física das revoluções e do braço forte e impositivo das religiões. Frente a estas manifestações que cegam e calam a subjetividade dos seres humanos, a poesia é a voz que faz estes que estavam em silêncio falarem e que estavam cegos verem novamente.

Entre a revolução e a religião, a poesia é a *outra voz*. Sua voz é *outra* porque é a voz das paixões e das visões; é de outro mundo e é deste mundo, é antiga e é de hoje mesmo, antiguidade sem datas.

Alfredo Bosi, professor e crítico literário, no livro *Leitura de poesia*, considera que

a poesia não é discurso verificável, quer histórico, quer científico; que a poesia não é dogma nem ensinamento moral; nem, na outra ponta, é “sentimento na sua imediatidade”. Nem pura ideia, nem pura emoção, mas expressão de um conhecimento intuitivo cujo sentido é dado pelo *páthos* que o provocou e o sustém. Nada mais, mas nada menos.

Diante de todo este poder transformador do poema, do poeta e do lirismo, o esclarecimento só é possível pela ação de cada in-

divíduo, ele não é causado pela poesia, por ela sendo apenas provocado. Porque, como via Mario Quintana<sup>43</sup>, os poemas são como pássaros que pousam em nossas mãos para se alimentarem do alimento que está em nós e de todos eles podem se alimentar. O poema está vazio e só ganha vida se soubermos olhar para ele e preenchê-lo com as emoções, os sentimentos, os questionamentos e os sentidos que há em nós. Os sentidos dados ao poema pelo poeta são apenas uma possibilidade da verdade do poema e muitas outras serão possíveis sempre que outra pessoa do poema se aproximar e a ele dar vida por meio do poder de sua imaginação. A poesia nasce

de uma faculdade humana por excelência: a imaginação; pode quebrar se a imaginação morre ou se corrompe. Se o homem se esquecesse da poesia, se esqueceria de si próprio. Voltaria ao caos original.<sup>44</sup>

Sem a poesia e seu lirismo, o ser humano voltaria às trevas da escuridão impos-

---

<sup>43</sup> QUINTANA in “Os poemas” (2005, p. 27).

<sup>44</sup> PAZ (1993, p. 148).

ta da qual muitos já conseguiram emergir. Além das religiões e das formas de governo e seus impérios, as ciências e suas tecnologias também já se mostraram aprisionadoras se dominadas pela técnica e pelos interesses financeiros e de mercado, porque estes, em essência, existem e agem sempre para dominar a coletividade e sobre exercer o poder que condiciona e uniformiza o mundo. A poesia e seu lirismo não querem dominar nada.

# RENATO RUSSO

lirismo e esclarecimento

Sobre o autor:

ALESSANDRO ELOY BRAGA

é Doutor ~ com distinção e louvor ~ em Estudos Clássicos pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (2015); Mestre em Educação pela Universidade Católica de Brasília (2001) e Licenciado em Letras-Português pela Universidade Católica de Brasília (1995). Foi bolsista CAPES. É poeta com dois livros publicados: «Conjugações do verbo amar» (2021) e «Alma Pública» (2016); ambos os livros realizados com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

Como pesquisador e ensaísta publicou o livro «A poesia brasileira em dez atos» (2023) e os seguintes artigos: «A mitologia Greco-romana e a natureza nas representações do amor e do erotismo em Glaura de Silva Alvarenga» (2019); «A negação da autoctonia como cura para o miasma» (2017); «Perspectivas da autoctonia e suas relações com o trágico nas tragédias tebanas de Sófocles» (2017); «Autoctonia e manipulação política na República de Platão 414B-415D» (2015); «A genealogia cadmeia em Tebas» (2015); «Avaliação do ensino de Literatura por professores e estudantes do Ensino Médio» (2003).